

**A CLÍNICA DA
ATIVIDADE E AS
CONTEXTUALIZAÇÕES
BRASILEIRAS**

DEBATES E
PERSPECTIVAS

Conselho Editorial

Alastair Pennycook
Allen Quesada
Ana Nery Damasceno Noronha
Ana Sousa
Antonietta Heyden Megale
Aparecida de Jesus Ferreira
Beatriz Gama Rodrigues
Carmen Jená Machado Caetano
Cátia Regina Braga Martins
Daniel Silva
Dllobia Santclair
Elaine Fernandes Mateus
Elkerlane Martins de Araújo
Fernanda Coelho Liberali
Joaquim Dolz
Kleber Aparecido da Silva
Lauro Sérgio Machado Pereira
Li Wei
Lynn Mário Menezes de Sousa
Gabriela A. Veronelli
Gisvaldo Araújo Silva
Manuela Guilherme
Reinildes Dias
Ofélia Garcia
Oseas Bezerra Viana Jr.
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Paulo Massaro
Renato Cabral Rezende
Rodriana Costa
Rosana Helena Nunes
Rosane Pessoa
Ryuko Kubota
Sávio Siqueira
Sweder Sousa
Tatiana Dias
Veruska Machado
Wilson Leffa
Viviane Resende

Eliane G. Lousada
Ermelinda Barricelli
Luzia Bueno
(organizadoras)

**A CLÍNICA DA
ATIVIDADE E AS
CONTEXTUALIZAÇÕES
BRASILEIRAS**

DEBATES E
PERSPECTIVAS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Clínica da atividade e as contextualizações brasileiras
: debates e perspectivas / Eliane G. Lousada, Ermelinda
Barricelli, Luzia Bueno (organizadoras). – 1. ed. – Campinas,
SP : Mercado de Letras, 2023.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-687-2

1. Análise do discurso 2. Linguagem e línguas 3. Linguística
– Análise 4. Prática de ensino 5. Professores – Formação
I. Lousada, Eliane G. II. Barricelli, Ermelinda. III. Bueno, Luzia.

23-147331

CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise da linguagem : Linguística 401.41

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final dos autores

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Publicado com verba da PROAP-CAPEs do PPG
em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA/USP)

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Maria Elizabeth Antunes Lima</i>	
APRESENTAÇÃO	15
A ANÁLISE DA ATIVIDADE COMO DISPOSITIVO NO GERENCIAMENTO PARTICIPATIVO	27
<i>Ana Carla Armaroli e Cláudia Osório da Silva</i>	
DESENVOLVIMENTO DOS AFETOS, DAS EMOÇÕES E DOS SENTIMENTOS HUMANOS NA ATIVIDADE	49
<i>Anselmo Lima</i>	
PRESCRIÇÃO E CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	59
<i>Ermelinda Maria Barricelli</i>	
DIMENSÕES ESQUECIDAS DA TERCEIRIZAÇÃO: OCULTAMENTO DOS SUJEITOS, CORROSÃO DOS SABERES COLETIVOS E DESCOMPROMISSO COM O TRABALHO BEM FEITO.....	79
<i>Fábio de Oliveira</i>	

A ENTREVISTA EM AUTOCONFRONTAÇÃO NA ERGONOMIA DA ATIVIDADE E NA CLÍNICA DA ATIVIDADE	93
<i>Renata Bastos Ferreira Antipoff, Raquel Guimarães Soares e Rosângela Maria de Almeida Camarano Leal</i>	
A TROCA VERBAL, RECURSO FUNDAMENTAL PARA A COMPREENSÃO DAS ATIVIDADES DE TRABALHO.	123
<i>Daniel Faïta</i>	
PSICOLOGIA DA LINGUAGEM E CLÍNICA DO DIÁLOGO: DO DIÁLOGO GENÉRICO DA AUDIÊNCIA AO DIÁLOGO INTERIOR DO PROMOTOR NA SITUAÇÃO DE “CONFISSÃO DE CULPA”	139
<i>Katia Kostulski</i>	
MARCAS DE DESENVOLVIMENTO/TRANSFORMAÇÃO NA ATIVIDADE DE PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS EM SITUAÇÕES DE AUTOCONFRONTAÇÃO	169
<i>Rozania Maria Alves de Moraes e Elisandra Maria Magalhães</i>	
O MÉTIER DE PROFESSOR EM FOCO: AS VERBALIZAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE ENSINAR COMO INSTRUMENTOS PARA PENSAR O TRABALHO.	193
<i>Eliane G. Lousada</i>	
ATIVIDADE DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: O FLAGRAR-SE DO PROFESSOR	227
<i>Daniela Dias dos Anjos, Maria Carolina Castro Oliveira e Camila das Graças Zucareli de Souza</i>	
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO DOCENTE EM DIFERENTES CONTEXTOS	243
<i>Kátia Diolina e Luzia Bueno</i>	

FORMAÇÃO PELA ANÁLISE DO TRABALHO COMO
ATIVIDADE: FAZENDO POLÍTICA PÚBLICA POR ENTRE
POLÍTICAS DE GOVERNO EM SAÚDE MENTAL 265

*Maria Elizabeth Barros de Barros,
Fernanda Spanier Amador e Jesio Zamboni*

ANÁLISE DA ATIVIDADE COMO INSTRUMENTO
NA GESTÃO COLETIVA DO TRABALHO: EXPERIÊNCIAS
NO RIO DE JANEIRO 285

*Claudia Osorio da Silva e
Luciana Albuquerque*

POSFÁCIO 303

Anise d'Orange Ferreira

SOBRE OS AUTORES 309

PREFÁCIO

Prefaciando esta coletânea de textos produzidos a partir do III Colóquio Internacional de Clínica da Atividade, foi sem dúvida uma tarefa complexa e desafiadora, mas ao mesmo tempo muito prazerosa. O maior desafio foi o de expor, em um espaço necessariamente restrito, toda a riqueza dos conteúdos presentes nos treze capítulos que compõem uma obra com temas tão variados e que fazem fronteiras com diversas disciplinas. Já o lado prazeroso está na possibilidade de conhecer melhor os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos por um grupo importante de pesquisadores e ampliar a visão sobre os usos que vêm sendo dados aos métodos e conceitos desenvolvidos no âmbito da clínica da atividade. Apesar da diversidade temática, os textos apresentam aspectos comuns, sendo o primeiro deles, o fato de terem como propósito maior o estabelecimento de um diálogo com a clínica da atividade. Ao finalizar a leitura, talvez o ponto que mais chama a atenção seja o uso frequente que vem sendo dado à autoconfrontação nas pesquisas brasileiras. Mas o importante é que prevalece uma perspectiva clínica na incorporação desse recurso metodológico, concordando com o que defende D. Faïta, no capítulo da sua autoria. Para o autor, a autoconfrontação não pode ser reduzida “nem a um método (de coleta de dados), nem a uma situação experimental”. Trata-se, segundo ele, “de criar a possibilidade de uma relação entre as dimensões sensíveis, perceptíveis e observáveis das atividades

de trabalho” e o “volume invisível dessas atividades, o ‘real da atividade’ e o ‘realizado’ da atividade (...)”. Ele expressa uma oposição radical aos que insistem em “tornar a autoconfrontação uma técnica repetitiva para a coleta de dados verbais (...)”, pois considera que trata-se de um processo caracterizado por uma “relação dialógica”, com um “pano de fundo ‘clínico’ do desenvolvimento”, sendo que o diálogo e as interações que o envolvem não são constituídos apenas “por discursos de atividades extralinguísticas, mas por muitas tentativas, por provas, visando colocar em relação o que já viveu com o que ainda não foi vivido, o observável com o inobservável, o já dito com o não dito”.

Observando-se os usos da autoconfrontação pelos diferentes grupos de pesquisa que compõem a coletânea, pode-se concluir que o essencial desse propósito exposto por Faíta, está presente. Ademais, em certos momentos, é possível se deparar com um profícuo debate entre escolas, considerando a forma pela qual esse mesmo método é incorporado em contextos diferentes, como é o caso da Ergonomia da Atividade (ver Antipoff, Soares e Leal). Há também uma interessante diversidade de campos nos quais é realizada a análise da atividade, indo desde a gestão das organizações, passando pela educação até chegar ao meio jurídico. Em todos eles, percebe-se a presença de algumas premissas fundamentais desenvolvidas no âmbito da clínica da atividade. A primeira delas consiste na ideia de co-análise da atividade, ou seja, a abordagem do contexto de trabalho é invariavelmente feita, respeitando a importância do protagonismo dos trabalhadores, que “deixam de ser objetos da análise e passam a ser sujeitos da transformação das situações laborais”, como ressaltam Armaroli e Osório em suas reflexões. Assim, percebe-se, de modo geral, não apenas essa preocupação em retirar o trabalhador do lugar passivo de mero fornecedor de dados para se tornar um agente do processo de análise do seu trabalho e do desenvolvimento do próprio ofício. Nesse sentido, pode-se dizer que o trabalho aparece nos textos como um operador da saúde, pois a ideia prevalente é a de buscar apoio nos métodos dialógicos, desenvolvidos no âmbito da clínica da

atividade, visando permitir que o trabalhador descubra novas formas de realizar seu ofício, ampliando seu poder de agir (ver Barricelli, Moraes e Magalhães, Kostulski).

É igualmente presente a busca pelas marcas do desenvolvimento nos discursos produzidos pelo uso da autoconfrontação, ressaltando-se ainda que, no contexto da clínica da atividade, desenvolver-se não é “algo estático”, mas “um processo em contínuo movimento” (ver Moraes e Magalhães). Ocorre também esse uso em processos de formação, ou seja, como propõe Lousada, no seu capítulo, trata-se de responder à questão sobre o modo pelo qual “as verbalizações sobre a atividade de trabalho ajudam jovens profissionais a pensar sobre seu trabalho, provoca tomada de consciência sobre as diferentes maneiras de fazer o trabalho e contribui para um processo de formação de noções sobre o trabalho”. É nesse sentido, que a autora considera a autoconfrontação como um recurso passível de “levar à tomada de consciência e à reelaboração da experiência vivida”. Da mesma forma, Barros, Amador e Zamboni avaliam que a clínica da atividade oferece recursos metodológicos para se realizar formações em situações de trabalho. Adotando as “rodas de conversa” e “tomando a autoconfrontação como direção metodológica”, os pesquisadores estimulam o confronto de experiências no contexto laboral. Eles convocam o trabalhador a analisar sua situação de trabalho e incorporam à análise uma perspectiva político-institucional, “considerando a imbricação entre atividade e pautas normativas”.

Outra premissa importante que se evidencia nos textos é a de que a intervenção em clínica da atividade visa permitir a “descoberta de novas formas possíveis de ação”, conforme afirmam Anjos, Oliveira e Souza. Tomando por base o pensamento vigtoskiano, as autoras partem do princípio de que “o homem é pleno, a cada minuto de possibilidades não realizadas, sendo que, embora não realizadas, elas não são menos reais”. Concluem que o método da autoconfrontação, ao permitir que o trabalhador se torne observador de sua própria atividade, permite que adquira um novo olhar para os “dilemas”

que enfrenta no seu cotidiano laboral, além de se tornar um recurso para “transformar a experiência vivida em objeto de uma nova experiência”, abrindo espaço para “outras realizações possíveis”. Da mesma forma, Kostulski, no seu capítulo, conclui que a ação de um clínico do trabalho consiste em uma “atividade simbólica” que “faz da linguagem um instrumento primeiro, e que visa, de uma maneira ou de outra, agir na vida psicológica de outrem e transformar o seu curso”. Assim, o diálogo profissional é usado como um meio de produzir mudanças nas situações de trabalho, sendo que a análise mostra “a heterogeneidade das formas de diálogo”, bem como uma interfuncionalidade possível entre essas formas, além de permitir a “construção de novas relações entre funcionalidades existentes na atividade”.

Pode-se observar igualmente uma preocupação em abordar temas que vêm sendo tratados mais recentemente no âmbito da clínica da atividade, tal como o modo pelo qual se dá o processo de desenvolvimento dos afetos, emoções e sentimentos humanos na atividade (ver o capítulo de Anselmo Lima) ou outros que não estão no centro de suas preocupações, mas que podem ser analisados por meio de conceitos-chave que emergiram no contexto da disciplina. É o que vemos no capítulo de Fábio Oliveira, ao recuperar o conceito de gênero da atividade para refletir sobre os impactos da terceirização na saúde, segurança e nas formas de sociabilidade dos trabalhadores. E é o que ocorre também no capítulo de Diolina e Bueno, no qual as autoras abordam as representações acerca do trabalho docente, acentuando o papel do coletivo de trabalho “como instrumento transformador”, ao mesmo tempo em que incorporam às suas reflexões, um conceito central para a clínica da atividade.

Mas é importante ressaltar que não se trata apenas de reafirmar acriticamente os princípios e as premissas da clínica da atividade, pois o que prevalece é uma apropriação reflexiva do seu arcabouço teórico e metodológico, ocorrendo, inclusive, questionamentos em torno do real alcance das intervenções que vem realizado (ver Osório e Albuquerque), ou um esforço no sentido de estabelecer uma linha de demarcação entre suas práticas e as de outras disciplinas (ver Antipoff, Soares e Leal).

Ao tratar da relação entre trabalho e saúde, os teóricos que aderem à clínica da atividade afirmam, com frequência, que o fundamental é o cuidado com o ofício, em todas as suas instâncias, pessoal, impessoal, transpessoal e interpessoal. Em outros termos, frente ao dilema frequente entre o cuidar das pessoas e o cuidar do trabalho, não têm dúvida de que é o segundo que deve ser privilegiado, pois sabem que a saúde se perde nos meios profissionais quando o ofício deixa de ser objeto de cuidados necessários. Assim, ao constatar que, entre os estudos apresentados nesta coletânea, prevalece o cuidado com o ofício em suas múltiplas dimensões, a única conclusão possível é a de que sua essência reside no esforço em favorecer a saúde nos contextos de trabalho, o que, sem dúvida, vem ao encontro de uma necessidade premente da nossa sociedade.

Maria Elizabeth Antunes Lima
Belo Horizonte, 24 de março de 2020

APRESENTAÇÃO

*O pensamento se desenvolve na discussão,
na confrontação e, portanto,
a controvérsia é a fonte do pensamento.*

*Então, Vigotski diz que
o pensamento nasce duas vezes.*

*A primeira vez quando se discute coletivamente
e renasce, em seguida, na atividade individual.*

Yves Clot (em entrevista à Leny Sato, 2006)

Esta obra visa trazer discussões, confrontações, controvérsias que podem levar ao desenvolvimento do trabalhador e do seu trabalho. Para isso, reunimos trabalhos apresentados no III Colóquio da Clínica da Atividade.

O livro é muito especial para nós três, organizadoras, já que o início de nossa vida acadêmica foi marcado tanto por indagações que a Clínica da Atividade contribuiu para enriquecer quanto por outras que ajudou a gerar. No conjunto, esses questionamentos nos levaram a conceber o trabalho e, sobretudo, o trabalho docente como algo complexo e controverso que necessita do outro para ser desvelado, a partir da voz, do olhar, do sentir, do fazer do próprio trabalhador.

Eu, Eliane Lousada, líder do grupo ALTER-CNPq (Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações), iniciei meu curso de doutorado em 2002, no LAEL (Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP), sob a orientação de Anna Rachel Machado. Naquele momento, Anna Rachel Machado estava descobrindo as pesquisas de Yves Clot, do CNAM-Paris. Instigada pelos questionamentos e possibilidades trazidos por Daniel Faïta, da U. de Provence (Aix-Marseille Université), que vinha frequentemente ao LAEL-PUC-SP, Anna Rachel Machado decidiu, em 2003, ler o livro de Y. Clot “La fonction psychologique du travail” com seus orientandos, nas reuniões do grupo de pesquisa, que era o embrião do grupo ALTER-CNPq. Essa leitura foi reveladora e muito profícua: as reflexões sobre o “trabalho”, que já estavam presentes nas vindas de D. Faïta ao Brasil, na PUC-SP, tomaram forma e encantaram A. Rachel Machado – e todos nós – dando origem a uma série de questionamentos e problemas “práticos” ... que se tornaram pesquisas. Trago, dessas leituras, as melhores lembranças de surpresas, discussões, reflexões e orientações. Com o interesse, tanto pela teoria, quanto pela maneira de expô-la de Yves Clot, adaptei rapidamente - como ocorre mais frequentemente do que se imagina - minha pesquisa de doutorado para a investigação do “trabalho docente”, no contexto do ensino do francês.

O contato com essa teoria e a decisão de encaminhar a tese para esse viés trouxeram mudanças importantes em meu percurso de pesquisa. Primeiramente, tive a oportunidade de ir duas vezes à França e conhecer Yves Clot, antes mesmo que A. R. Machado o fizesse, com o intuito de estreitar laços e discutir alguns conceitos, como, por exemplo, o de “real da atividade”, que poderemos rever em alguns capítulos desta obra. No retorno ao Brasil, trouxe duas contribuições concretas, além de outras que não seria possível descrever aqui: i) o volume *Clinique de l'Activité et Pouvoir d'agir*, recém publicado à época pelo CNAM; ii) o filme sobre a intervenção, com o uso do método da autoconfrontação, junto aos trabalhadores do correio. Essas leituras, paralelamente à análise do filme sobre as autoconfrontações com carteiros, e o quadro teórico que

elas revelaram, influenciaram os fundamentos de minha tese, que defendi em 2006: Lousada, E. G. *Entre trabalho prescrito e realizado: um espaço para a emergência o trabalho real do professor*, com algumas questões inovadoras: i) a discussão sobre o “trabalho docente” por esse prisma que, durante muitas décadas, tinha se concentrado apenas no trabalho “não simbólico”; ii) o uso do método da autoconfrontação para a reflexão sobre o trabalho docente e sobre a formação de professores; iii) a proposta de reflexão sobre um novo modelo de formação de professores. A partir da adoção dessa linha teórico-metodológica, pude compreender a pesquisa sobre o trabalho docente sob outro prisma.

Desde então, minha pesquisa de doutorado deu origem a iniciativas do ponto de vista científico, da orientação de pesquisas sobre essa temática, ou do ponto de vista prático. Do ponto de vista científico, foi o início de muitas trocas com os pesquisadores da Clínica da Atividade e, também, com os pesquisadores da Ergonomia da Atividade dos Profissionais da Educação na Universidade Aix-Marseille. Foram muitas idas, minhas e de alunos meus, e vindas de pesquisadores como Katia Kostulski (CNAM) e Daniel Faïta (AMU), além de tantos outros que também atuam nesse campo de estudos. Ao mesmo tempo, alunos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado têm compreendido as questões envolvidas e têm se proposto a desenvolver estudos para contribuir com essa linha de pesquisa. Pudemos receber, na USP, Katia Kostulski por duas vezes, antes da realização do III CICA e, também, duas vezes Daniel Faïta, no quadro de um projeto financiado com verba da AUF (Agence universitaire de la Francophonie). Todos os intercâmbios foram muito frutíferos e se fazem notar em minhas pesquisas e consequentes publicações.

Do ponto de vista prático, tenho criado cursos de formações de professores que procuram materializar as propostas da tese em 2006. Como parte das atividades científicas de pesquisa, pude participar do I CICA, que ocorreu na Universidade Federal de São João del Rei em 2010, organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais em colaboração com

a Universidade Federal de São João del Rei e a Universidade Federal Fluminense. Todos esses contatos contribuíram para a ideia de organização do III CICA na Universidade de São Paulo, concretizada em 2016 e cujas pesquisas apresentadas se materializam neste número.

Eu, Ermelinda Maria Barricelli, ingressei na PUC/SP em 2004 para desenvolver uma pesquisa oriunda dos meus questionamentos sobre atividades adequadas para crianças pequenas intitulada *‘A reconfiguração pelos professores da proposta curricular de Educação Infantil’* (Barricelli, 2007) desenvolvida em uma creche conveniada com a Prefeitura de São Paulo em que elaboramos coletivamente uma nova proposta curricular para essa instituição. Nesse período comecei a estudar na disciplina da professora Anna Rachel Machado as questões do trabalho e, especialmente, do trabalho docente na perspectiva da Clínica da Atividade. Essa disciplina me mostrou que a atividade docente pode ser analisada a partir do coletivo, em vez do discurso comum da culpabilização individual do professor que tanto me incomodava, esse percurso investigativo se mostrou um caminho profícuo. Assim, em 2008 iniciei os estudos de doutorado sob orientação da professora Anna Rachel Machado.

A pesquisa do mestrado me mostrou que o discurso de todos os envolvidos – professores, coordenadores e pesquisadora – era atravessado pelo mesmo discurso veiculado na prescrição oficial do MEC. Desse modo, iniciei minha pesquisa de doutorado intitulada *‘Transformações e conflitos no processo de elaboração, de difusão e de utilização de instruções oficiais de Educação Infantil: um estudo genealógico’* (Barricelli 2012). Nessa pesquisa, busquei conhecer a implantação de uma política pública desde a elaboração da prescrição oficial, passando pelo processo de formação para divulgação do documento até a chegada do documento nas escolas infantis. Particularmente relevante nesse período, foi meu estágio doutoral realizado na *Clinique de l’activité do Conservatoire National des Arts et Métiers*

de Paris (CNAM) sob orientação do professor Yves Clot. Tive o prazer e a honra de ser a única aluna da professora Anna Rachel, e membro do grupo ALTER-AGE-CNPq, a ser coorientada pelo professor Yves Clot.

Durante meu estágio no CNAM, tive oportunidade de participar de seminários que tinham como preocupação central a discussão e a constituição de um corpo de conhecimento sobre a atividade humana em situação de trabalho a partir dessa metodologia. Além disso, participei de um curso sobre a metodologia de Instrução ao Sósia em que realizei uma intervenção como parte da minha formação. O resultado dessa formação pode ser constatado na minha tese concluída em 2012 e em artigos sobre cada uma das metodologias. Nesse período destaco especialmente o artigo “*O trabalho do professor de educação infantil interpretado em textos oficiais*” (Barricelli 2011) publicado em obra organizado por Machado, Lousada e Ferreira e, depois, o artigo publicado na revista Delta “O processo de elaboração de um documento oficial voltado para a Educação Infantil” (Barricelli 2016)

Em 2014 também iniciei um pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas com financiamento da Fapesp¹ sob supervisão da professora Ana Luiza Bustamante Smolka. A pesquisa intitulada “*O trabalho docente na Educação Infantil: o/a professor/a como protagonista de transformações*” foi desenvolvida em um Centro de Educação Infantil (CEI) da cidade de São Paulo e objetivava dar voz aos professores por meio dos métodos desenvolvidos na Clínica da Atividade, especialmente a Autoconfrontação Simples e Cruzada (ACS e ACC). Essa intervenção vem sendo realizada desde 2014 e se desdobrou com a mudança do campo empírico, mas permanecem os debates e os professores, especialmente as demandas oriundas dos próprios trabalhadores. Desse trabalho destacam-se os artigos “*Educação inclusiva no contexto da educação infantil: o trabalho pedagógico em foco*” (Barricelli, Dainez, Smolka 2016) e “*Atividade de pesquisa, atividade de*

1. Processo 2013/16869-6.

ensino: a atividade do intervenant no campo da educação” (Anjos, Smolka e Barricelli 2017)

Nesse mesmo ano tive a oportunidade de participar de um curso no CNAM “*Les interventions en cours dans leurs dimensions cliniques et théoriques*” que problematizou as questões relacionadas com o método que utilizo na intervenção na Escola Infantil. Atualmente as discussões estão sendo realizadas com a equipe gestora, esse trabalho pode ser visto no artigo recentemente publicado *O trabalho da equipe gestora na Educação Infantil: conflitos do métier* (Barricelli, 2020) em que retomo as questões dos conflitos, como discutido na tese de doutorado, ampliando o debate.

Eu, Luzia Bueno, iniciei o curso de doutorado em 2004 na PUC-SP sob a orientação de Anna Rachel Machado. Quando cheguei à Puc-SP, o grupo ALTER já havia lido o livro de Yves Clot, *Função Psicológica do Trabalho*, e já refletia sobre como as Ciências do Trabalho, como a Ergonomia da Atividade e a Clínica da Atividade, poderiam contribuir para ampliar a compreensão do trabalho docente. Foi a partir dessas reflexões do grupo, das leituras e do minicurso de Yves Clot que pude reformular meu projeto de doutorado e fazer reflexões sobre o papel do professor supervisor da escola no estágio. Em minha tese de doutorado que posteriormente foi publicada como livro (Bueno 2009), *A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio*, realizei a análise de textos produzidos durante o estágio buscando verificar como o estágio construía a figura do professor supervisor da escola. Com a aporte da Clínica da Atividade articulada à Ergonomia da Atividade, foi possível compreender como o conjunto de textos que circulavam no espaço do estágio levavam o estagiário a invisibilizar o professor da escola. Essa compreensão muito contribuiu para uma revisão de minha postura como formadora de professores em cursos tanto de graduação quanto de formação continuada e, depois, como orientadora de pesquisas em meu Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade São Francisco.

Partindo dessa visão de trabalho docente, pude reconceber o modo como trabalhar com gêneros textuais, principal foco de meus estudos e intervenções acadêmicas, buscando sempre ver qualquer proposta didática como parte de um contexto mais amplo que envolve um coletivo e, portanto, modos de agir que poderão levar ao desenvolvimento ou ao adoecimento do trabalho e do trabalhador. Assim, não basta inserir um novo artefato e achar que ele trará uma solução mágica para todos os problemas; é preciso compreender o papel desse artefato no trabalho, verificando inclusive se ele é visto como necessário pelos trabalhadores ou apenas pela equipe gestora.

Para mim, uma das grandes contribuições da Clínica da Atividade foi me propiciar a compreensão do ensino como trabalho. As implicações de se assumir essa perspectiva tem guiado meu agir docente e assim gerado várias reflexões que foram registradas em trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, além de vários artigos (Bueno e Machado 2011; Bueno 2011, 2012; Bueno e Trava 2014; Bueno e Rocha 2016). Dentre estes destacam-se alguns trabalhos feitos em parcerias com as professoras Eliane e Ermelinda, colegas do doutorado e parceiras na vida acadêmica, como o capítulo “A instrução ao sócia: diálogos de confrontação sobre a atividade docente” (Lousada, Barricelli e Bueno 2017), além das organizações de duas edições do CICA.

Assim, nossa vida acadêmica vem se articulando à Clínica da Atividade e, por conseguinte, ao CICA. O CICA já teve quatro edições. A primeira ocorreu em 2010, sob a organização da professora Elizabeth Antunes Lima, na Universidade de São João del Rey. Nesta edição, o tema foi “Diálogos, controvérsias e desenvolvimentos” dessa perspectiva teórica e contou com a participação de Yves Clot (CNAM), Katia Kostulski (CNAM), Leny Sato (USP), Anna Rachel Machado (PUC-SP), Claudia Osório da Silva (UFF) entre outros pesquisadores franceses e brasileiros. A segunda edição ocorreu em 2013, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e organizado pelo professor Jorge Tarcísio da Rocha Falcão (UFRN), com o tema “Conexões Franco

– Brasileiras e Processos de Estilização no Brasil”. Dessa edição, participaram pesquisadores do CNAM como Yves Clot, Katia Kostulski, Livia Scheller, Malika Litim, Maryse Bournel-Bosson além de pesquisadores e estudantes brasileiros, tais como Maria Elizabeth Barros (UFES), José Newton Garcia de Araújo (PUC-MG), Lavinia Lopes Salomão Magiolino (Unicamp), Leny Sato (USP).

A terceira edição do CICA, ocorreu em 2016 na Universidade de São Paulo, sob a organização de Eliane G. Lousada (Grupo ALTER-CNPq), na Universidade de São Paulo (USP), em colaboração com a Universidade São Francisco e com a Unicamp. Essa edição teve como objetivo maior “lançar um debate sobre as pesquisas atuais na França e as contextualizações dessa perspectiva teórica no Brasil, trazendo à tona concordâncias e discordâncias, mas tendo sempre como ponto de partida o campo empírico”. Nessa edição, além dos pesquisadores do CNAM como Yves Clot, Katia Kostulski, Livia Sheller e Yvon Miossec, também tivemos a presença de Daniel Faïta, da AMU Université, Marseille, França. e pesquisadores brasileiros como Rozania de Moraes (UECE), Lília Abreu-Tardelli (Unesp), Jaqueline Tittoni (UFRGS), Maria Chalfin Coutinho (UFSC), Luiz Gonzaga Chiavegato Filho (Universidade Federal de São João Del Rei) e Fábio de Oliveira (Instituto Politécnico de Setúbal – IPS).

A quarta edição do CICA foi realizada na Universidade São Francisco (USF), com o tema “Desafios do trabalho na contemporaneidade”, reunindo uma comissão organizadora composta por membros de três universidades do Estado de São Paulo (USF, USP e Unicamp), sob a presidência da Daniela Dias dos Anjos. Nesta edição do CICA, estiveram presentes Yves Clot e Katia Kostulski do CNAM (Paris), mas, também, Frédéric Saussez, da Universidade de Sherbrooke (Canadá) e professores renomados de inúmeros estados e Universidades do Brasil.

Esses encontros têm se constituído em momentos de ricas discussões e diálogos e, como decorrência disso, têm gerado

importantes publicações como em 2013, com os Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, com as publicações dos trabalhos apresentados por pesquisadores brasileiros e franceses no I Colóquio Internacional de Clínica da Atividade (<http://www.revistas.usp.br/cpst/issue/view/5959>). Em 2017, resultado do colóquio de 2016, houve um número especial da Revista Horizontes, com alguns artigos de pesquisadores, brasileiros e franceses que estiveram presentes no III Colóquio (<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/issue/view/24>).

E neste momento estamos lançando este livro com mais trabalhos do III Colóquio. Essa coletânea tem como tema central *A Clínica da Atividade e as contextualizações brasileiras: debates e perspectivas*, contando com um prefácio da professora Elizabeth Antunes Lima e 13 capítulos de pesquisadores de diferentes áreas.

Nesses trabalhos, a Clínica da Atividade aparece ora como principal aporte teórico ora articulada à Ergonomia da Atividade, ou ao Interacionismo Sociodiscursivo ou à perspectiva enunciativa-discursiva de Bakhtin ou Volochinov, entre outros diálogos pertinentes e coerentes.

No conjunto, os capítulos permitem refletir sobre o trabalho em diferentes áreas (saúde, justiça, educação, administração), percebendo seus conflitos e potencialidades para o desenvolvimento humano ao nos levarem a ver as controvérsias que impulsionam o pensamento.

Desejamos a todos uma excelente leitura,

Eliane Lousada
Ermelinda Barricelli
Luzia Bueno

Referências

- ANJOS, D.; SMOLKA, A. L. B. e BARRICELLI, E. (2017). “Atividade de pesquisa, atividade de ensino: a atividade do intervenant no campo da educação.” *Horizontes*, vol. 35, p. 133.
- BARRICELLI, E. (2007). *A reconfiguração pelos professores da proposta curricular de educação infantil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BARRICELLI, E. (2011). “O trabalho do professor de educação infantil interpretado em textos oficiais”, *in*: MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G. e FERREIRA, A. D. (orgs.) *O professor e seu trabalho: a linguagem revelando práticas docentes*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 97-118.
- BARRICELLI, E. (2012). *Transformações e conflitos no processo de elaboração, de difusão e de utilização de instruções oficiais de Educação Infantil: um estudo genealógico*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BARRICELLI, E. (2016). “O processo de elaboração de um documento oficial voltado para a Educação Infantil.” *DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (online), vol. 32, pp. 143-164.
- BARRICELLI, E.; DAINEZ, D. e SMOLKA, A. L. B. (2016). “Educação inclusiva no contexto da educação infantil: o trabalho pedagógico em foco.” *Revista Comunicações*, vol. 23, pp. 151-166.
- BARRICELLI, E. O trabalho da equipe gestora na Educação Infantil: conflitos do métier. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; CARNIN, Anderson; LOUSADA, Eliane Gouvêa. (org.). *O Interacionismo Sociodiscursivo em foco: reflexões sobre uma teoria em contínua construção e uma práxis em movimento*. Araraquara: Letraria, 2020.

- BUENO, L. (2009). *A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio*. São Paulo: Educ, vol. 1, p. 272.
- BUENO, L. (2011). “As representações sobre o trabalho docente em projetos de estagiários”, in: *O professor e seu trabalho: a linguagem revelando práticas sociais*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 137-164.
- BUENO, L. (2012/2014). “Textos de estagiários e o professor observado: relações entre um ser genérico e um profissional efetivo.” *Raído* (Online), vol. 8, p. 191.
- BUENO, L. e MACHADO, A. R. (2011). “A prescrição da produção textual do aluno: orientação para o trabalho de aluno ou restrição do seu agir?” *Scripta* (PUCMG), vol. 1, pp. 303-319.
- BUENO, L. e TRAVA, S. M. (2014). *O professor e seu papel no manual do PNAIC In: Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade*. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, vol. 1, pp. 189-209.
- BUENO, L. e ROCHA, Renata (2016). “Autoconfrontação simples: reflexões sobre quando o pesquisador é um colega de trabalho”, in: *Diálogos na perspectiva histórico-cultural*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 171-187.
- LOUSADA, E. G.; BARRICELLI, E. M. e BUENO, L. (2017). “A instrução ao sócia: diálogos de confrontação sobre a atividade docente”, in: *Leituras de Vigotski*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, vol. 1, pp. 109-130.
- SATO, Leny (2006). “Entrevista: Yves Clot.” *Cad. psicol. soc. trab.*, vol. 9, nº 2, São Paulo, pp. 99-107, dez. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172006000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05/04/2020.